

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**CECH - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Laura Guerrelhas Gonçalves<sup>1</sup>**

**A Comunicação entre Parceiros que são Pais e Mães de Adolescentes**

*Communication Between Partners who Are Mothers and Fathers of*

*Adolescents*

Monografia apresentada ao Curso de Graduação  
em Psicologia da Universidade Federal de São  
Carlos.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Joan Barham**

**São Carlos - SP**

**2025**

---

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP (processo 2025/04232-0). Agradeço à FAPESP pelo apoio financeiro recebido, para a realização desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Fabiana e Ricardo, que nunca mediram esforços para me apoiar e me manter em São Carlos, sendo sempre um exemplo de parceria, amor e cuidado comigo e com a nossa família.

À minha irmã Helena, que além de minha melhor amiga foi minha confidente durante todos esses anos, me levantando em momentos difíceis e me fazendo acreditar que eu sou capaz de atingir muito mais. Desejo ser uma boa profissional por ela e por tudo que aprendemos juntas.

As minhas amigas de Ribeirão, que desde pequenas constituem uma parte importante de quem sou, por termos crescido juntas e nos apoiado em todas as fases e rumos da vida. Por mais diferentes que nossos caminhos sigam, sei que meu lugar seguro é onde elas estiverem.

À República Tudo Pela Dona, minha casa em São Carlos ao longo desses anos e minhas irmãs que dividiram esses dias comigo, sendo carinho, diversão, acolhimento e amor. Levo um pedacinho de cada uma de vocês comigo e sei que tenho um pouco de tudo que vivemos juntas dentro de mim.

Às minhas futuras colegas de profissão, Luisa, Sofia, Geovana e Juliana, que desde o primeiro momento dividiram comigo não só o curso, mas confidências da vida e que são uma grande parte responsável por quem sou hoje.

Ao meu amor, Victor, que me faz querer ser alguém melhor todos os dias e faz questão de me mostrar que vai estar sempre me aplaudindo nas minhas conquistas e sonhos.

À Lisa e a todos os meus professores, que além de guias educacionais me fizeram me apaixonar ainda mais pela Psicologia e pela beleza dessa profissão.

Agradeço, também, o apoio recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, tornando essa experiência mais significativa por meio de sugestões do parecerista e oportunidades de ir para um congresso de alta qualidade, na área de psicologia.

A todos vocês serei eternamente grata, então deixo aqui meu muito obrigado.

Gonçalves, L. G. (2025). *A Comunicação Entre Mães e Pais de Adolescentes*. (Monografia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 40 pp.

## Resumo

Dificuldades para ajudar o filho adolescente podem gerar tensões entre os pais, reduzindo a qualidade da relação coparental e o vínculo afetivo entre os pais. Assim, habilidades para lidar com o estresse em si, durante interações com o parceiro, podem ser importantes. No entanto, há poucas evidências na literatura sobre essas habilidades e seus efeitos sobre a qualidade da relação coparental. Os objetivos da presente pesquisa, portanto, são: (a) avaliar as percepções de pais e mães, com filhos adolescentes, sobre habilidades de *coping* diádico, envolvimento de cada parceiro na manutenção da relação coparental, e a qualidade dessa relação e (b) analisar as relações entre esses três construtos. Para isso, 107 pais ou mães de um filho adolescente, que residiam com seu parceiro, completaram: um questionário sociodemográfico, o Inventário de *Coping* Diádico, um questionário sobre o envolvimento dos pais na gestão da relação coparental e a Escala de Relação Coparental, via *Google Forms*. Foram comparados os escores de mães e pais, usando o teste *U* de Mann-Whitney, e verificadas as relações entre *coping* diádico, engajamento na gestão da relação coparental e a qualidade da relação coparental, usando o teste de correlação de Spearman. Não houve diferenças significativas de gênero envolvendo o instrumento de Enfrentamento Diádico, embora tanto pais quanto mães considerem que as mulheres eram menos abertas do que os homens à comunicação sobre situações estressantes envolvendo seus filhos adolescentes. No que diz respeito a percepções de engajamento no relacionamento, os homens relataram iniciar conversas com a mesma frequência que a parceira, enquanto as mulheres relataram iniciar conversas significativamente com mais frequência do que o parceiro. Além disso, as mulheres avaliaram a divisão de tarefas relacionada à criação de seus filhos adolescentes de forma menos positiva do que os homens. Correlações foram encontradas entre as seis dimensões do enfrentamento diádico e as sete dimensões da coparentalidade para ambos os gêneros, mas essas relações foram mais numerosas e de maior força para mulheres do que para homens. Assim, as percepções de mães e pais sobre como seu parceiro responde a preocupações envolvendo um filho adolescente contribuem para a percepção da qualidade da relação coparental, com um efeito mais forte para as mulheres do que para os homens. Considerando que esses construtos estão relacionados, especialmente no caso das mães, esses achados apoiam o desenvolvimento e avaliação de intervenções voltadas para fortalecer habilidades de manejo emocional durante interações entre parceiros coparentais que enfrentam conflitos frequentes, como forma de contribuir para a prática profissional dos psicólogos que trabalham com famílias com adolescentes.

**Palavras-chave:** Relação coparental; parentalidade; habilidades interpessoais; estresse parental; adolescência

Gonçalves, L. G. (2025). *Communication Between Partners who Are Mothers and Fathers of Adolescents* (Honors thesis). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 40 pp.

### **Abstract**

Difficulties in helping a teenage child can generate tensions between the parents, reducing the quality of the coparenting relationship and affecting the emotional bond between the parents. Thus, skills for managing the stress itself, during interactions between partners, may be important. However, in the existing literature, there is little evidence about these skills and how they affect the coparenting relationship. The objectives of this study, therefore, are: (a) to evaluate the perceptions of fathers and mothers who have teenage children about their dyadic coping skills, each partner's involvement in maintaining the coparenting relationship, and the quality of this relationship; and (b) to investigate the relationships between these three constructs. As such, 107 mothers and fathers of a teenage child, who resided with their partner, completed: a sociodemographic questionnaire, the Dyadic Coping Inventory, a questionnaire on parental involvement in managing the coparenting relationship, and the Coparenting Relationship Scale, via Google Forms. The scores of mothers and fathers were compared, using the Mann-Whitney *U* test, and the relationships between dyadic coping, engagement in managing the coparental relationship, and the quality of the coparental relationship were verified, using Spearman's test of correlation. There were no significant gender differences involving the Dyadic Coping instrument, although both fathers and mothers considered that women were less open than men to communication about stressful situations involving their adolescent child. With respect to relationship engagement, men reported initiating conversations with the same frequency as their partner, whereas women reported initiating conversations significantly more frequently than their partner. In addition, women evaluated the division of labor related to parenting their adolescent child less positively than men. Correlations were found between the six dimensions of dyadic coping and seven dimensions of coparenting for both genders, but these relationships were both more numerous and of greater strength for women than for men. Thus, mothers' and fathers' perceptions of how their partner responds to concerns involving an adolescent child contribute to their perceptions of the quality of the coparenting relationship, with a stronger effect for women than for men. Considering that these constructs are related, especially in the case of mothers, these findings support the development and evaluation of interventions aimed at strengthening emotional management skills during interactions between coparenting partners who experience frequent conflict, as a way of contributing to the professional practice of psychologists working with families with adolescents.

**Key Words:** Coparenting Relationship; Parenting; Interpersonal Skills; Parenting Stress; Adolescence.

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Perfil Sociodemográfico dos Participantes, por Gênero .....	<b>18</b>
<b>Tabela 2.</b> Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk, por Gênero.....	<b>23</b>
<b>Tabela 3.</b> Comparação dos Escores dos Pais e Mães: Inventário de Coping Diádico, Escala de Relação Coparental e Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental ..	<b>24</b>
<b>Tabela 4.</b> Correlações entre Coping Diádico e Coparentalidade, por Gênero .....	<b>26</b>
<b>Tabela 5.</b> Correlações entre Envolvimento na Gestão da Relação Coparental e Coparentalidade, por Gênero .....	<b>28</b>
<b>Tabela 6.</b> Correlações entre Coping Diádico e Envolvimento na Gestão da Relação Coparental, por Gênero .....	<b>30</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1.1 O contexto sociocultural e a relação entre parceiros coparentais .....	8
1.2 As conexões entre a relação coparental e a parentalidade .....	9
1.3 Desalinhamento entre os pais.....	12
1.4 Desenvolvimento dos Filhos, na Adolescência, e o Papel dos Pais.....	13
1.5 Diferenças na gestão emocional da família, ligadas ao gênero .....	15
1.6 Justificativa do estudo.....	15
OBJETIVOS .....	16
MÉTODO .....	16
Participantes .....	17
Delineamento .....	16
Considerações Éticas .....	16
Instrumentos.....	18
Procedimento de Coleta de Dados .....	20
Procedimento de Análise de Dados .....	21
RESULTADOS.....	24
DISCUSSÃO .....	35
Limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.....	37
Considerações Finais .....	38
REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

Ajudar os filhos a adquirir ou ajustar comportamentos e a lidar com as emoções negativas que sentem diante dos desafios que enfrentam durante a adolescência é uma tarefa parental complexa, especialmente porque os pais precisam ajudar os filhos em contextos tecnológicos e socioculturais que estão sempre mudando. As dificuldades envolvidas podem afetar a qualidade do vínculo afetivo entre os próprios pais e de cada um dos pais com o filho. Neste período, as conversas entre os pais e as decisões tomadas sobre o que fazer para ajudar o filho são de importância fundamental, contribuindo para a identificação dos fatores envolvidos nas dificuldades do filho, na capacidade dos pais de ajudar o filho a desenvolver ou fortalecer repertórios para lidar com esses fatores, e ao longo desse processo, na regulação do estresse e das tensões de todos. Portanto, o repertório dos pais e a qualidade da relação coparental podem ter impactos profundos na dinâmica familiar e no bem-estar e saúde mental de todos os envolvidos (Fosco et al., 2024).

A adolescência é um período marcado por grandes mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais, o que torna os jovens especialmente sensíveis a efeitos do ambiente socioemocional familiar. Conflitos ou instabilidade na relação entre os pais em relação a como responder às necessidades do filho adolescente podem gerar um clima de insegurança e estresse, dificultando o desenvolvimento saudável do adolescente. Quando a família não oferece um ambiente propício para o desenvolvimento emocional do filho, as chances de este adolescente apresentar problemas de ordem psiquiátrica são maiores, com persistência dos problemas durante a vida adulta (Freitas et al., 2020).

Além disso, a perpetuação de um ambiente familiar conturbado pode comprometer o modelo de relacionamentos que o adolescente levará para a vida adulta, impactando suas próprias interações afetivas no futuro (Fosco et al., 2024). Assim, a atenção a esses conflitos e a busca por soluções harmônicas não são apenas questões privadas, mas desafios com relevância social e intergeracional.

Na atual literatura, encontra-se uma insuficiência de informações e evidências, especialmente no cenário brasileiro, sobre repertórios dos pais que podem afetar a qualidade e eficácia da relação coparental durante o período de adolescência dos filhos. Assim, o objetivo geral da presente pesquisa é estudar as dificuldades de desalinhamento entre parceiros tentando ser bons pais, e o funcionamento da relação coparental entre pais e mães com filhos adolescentes, no Brasil. Essa análise é importante para guiar a prática profissional de psicólogos trabalhando com famílias com filhos adolescentes.

Para fundamentar essa pesquisa, alguns conceitos e informações chaves serão

apresentadas a respeito da importância do contexto sociocultural para a relação entre parceiros coparentais, as conexões entre a relação coparental e a qualidade da relação parental, as consequências do desalinhamento entre os parceiros coparentais (considerando o aumento do risco de *burnout* parental e de problemas de desenvolvimento dos filhos) e algumas das questões que precisam ser trabalhadas na relação coparental para ajudar o filho com a negociação do período da adolescência nos tempos atuais.

Com base na pesquisa proposta, esperou-se responder à seguinte pergunta: o quanto repertórios utilizados para lidar com o estresse em relação a criação de filhos adolescentes e esforços para manter o engajamento positivo na relação coparental contribuem para uma relação coparental de maior qualidade envolvendo trocas de apoio entre os parceiros, vínculo afetivo, lidar com diferenças de opinião, negociação da divisão de tarefas e controle de comportamentos negativos como sabotagem e conflitos hostis?

### **1.1 O contexto sociocultural e a relação entre parceiros coparentais**

Na sociedade contemporânea, pais e mães adotam formas diversas para organizar responsabilidades e realizar atividades importantes para responder às necessidades e guiar o desenvolvimento dos filhos. Ao longo das décadas, mudanças nas práticas socioculturais, e portanto, nas relações entre os pais e mães definiram e redefiniram o papel de cada uma das partes na relação coparental, de forma que a função da mulher e do homem tenha passado por alterações significativas no que diz respeito à presença e envolvimento de cada um na criação dos filhos. Embora existam modelos sociais distintos que guiam o envolvimento dos homens nas atividades parentais, atualmente, pesquisadores notaram que os pais tendem a ser mais atuantes nessa tarefa hoje, em relação a outros períodos históricos (Santis & Noronha, 2024).

A alteração no envolvimento dos homens reflete o contexto sociocultural atual, considerando que a maior parte das mães, inclusive durante a primeira infância do filho, possuem responsabilidades para atividades remuneradas. A sobreposição de demandas dificulta a conciliação de trabalho remunerado e familiar e vem levando, conseqüentemente, os homens a assumir um maior compromisso e responsabilidade na criação e educação dos filhos do que ocorria na geração anterior (Oliveira-Coelho, 2024). A redução no tempo de envolvimento das mães no domicílio e a expansão de atividades realizadas pelos homens, no entanto, exige esforços e habilidades para trabalhar em equipe, por parte dos pais e mães. Essas habilidades são necessárias para alinhar o envolvimento de cada um, considerando todas as questões logísticas que afetam seus

envolvimentos. Além disso, a comunicação sobre acordos e a organização das tarefas precisa ser retomada sempre que ocorrem alterações nas rotinas da mãe, do pai e do filho, ao longo do tempo. Pesquisadores estudando a criação dos filhos têm apontado que, em geral, as mães possuem um papel maior do que os pais na educação, carinho e afeto, enquanto os pais exercem a autoridade, o ensino e a disciplina (Lins et al., 2015). Apesar das diferenças que ainda existem no envolvimento de mães e pais, ao contar com a maior participação do pai na criação dos filhos, tornando-o também um cuidador principal, a mãe fica menos sobrecarregada com a quantidade total de responsabilidades familiares e remuneradas que ela enfrenta, bem como tende a ter o benefício de poder compartilhar preocupações e reflexões sobre a criação do filho com um parceiro que está acompanhando de perto o desenvolvimento do filho (Dill & Calderan, 2011).

Além das suas experiências pessoais nas suas famílias de origem, o repertório interpessoal de cada um dos pais e a relação estabelecida entre estes a respeito da criação dos filhos, fatores externos ao casal também influenciam o exercício da parentalidade. Interações dos filhos com membros da família extensa, com pessoas na sua escola e a absorção de crenças e comportamentos sociais via as mídias são apontados como exemplos dessa influência, podendo ter uma mistura de efeitos positivos e negativos no desenvolvimento da criança (Lins et al., 2015). Quando os efeitos são negativos, essas influências podem gerar conflitos e desentendimentos, tanto na relação coparental, quanto na rede que cerca a família. Assim, uma tarefa muito importante para a equipe coparental, é a de gerenciar as influências externas, tentando ajudar o filho a ter acesso a influências positivas e de criar mecanismos para evitar, ou aprender a lidar com, a influência de fatores negativos.

Além da gestão de fatores externos, também é necessário lidar com as diferenças entre o pai e a mãe. Com funções maternas e paternas diferenciadas ou não, coabitando ou vivendo em casas separadas, o pai e a mãe precisam negociar tarefas interpessoais relacionadas à criação conjunta dos filhos. A partilha de responsabilidades exige o investimento de tempo e o uso de estratégias adequadas de comunicação e negociação entre pais, mães, tios, avós, etc., mesmo que à distância. Quando a gestão dos relacionamentos ocorre de forma a construir relacionamentos saudáveis, a família extensa serve como apoio e sustentação para a relação coparental e para o filho deles (Prati & Koller, 2011).

## **1.2 As conexões entre a relação coparental e a parentalidade**

Os três subsistemas principais que produzem a dinâmica familiar são a relação

*conjugal*, definida como a relação íntima e afetiva entre os parceiros, a relação *parental* que se refere à relação que cada membro do casal estabelece com o filho (mãe-filho, pai-filho), e a relação *coparental*, que seria a relação dinâmica estabelecida entre os dois pais a fim de criar e cuidar das necessidades dos filhos (Feinberg, 2003; Carvalho, 2020).

Para a manutenção da saúde mental dos indivíduos, a qualidade e a força dos relacionamentos com pessoas significativas é de fundamental importância (Flückiger, et al., 2012). Portanto, no contexto familiar, se faz necessário um alinhamento saudável entre os subsistemas da família, que geralmente ocorre a partir da coparentalidade cooperativa, com base na valorização do diálogo, minimização de hostilidade em momentos de conflito de interesses, companheirismo e apoio mútuo entre os cônjuges, além da constância no envolvimento com os filhos, oferecendo-os suporte e acolhimento (Carvalho, 2020; Mosmann et al., 2018).

A qualidade da relação coparental também engloba diversos fatores que podem influenciar o desenvolvimento saudável da família (Carvalho, 2020). Por exemplo, cada um dos pais precisa: (a) saber controlar reações emocionais em interações com o parceiro sobre situações adversas envolvendo os filhos, para manter a qualidade da relação *afetiva* coparental; (b) não impor os pontos de vista agressivamente, de forma a evitar *conflitos hostis* com o parceiro; (c) conseguir manter conversas pacíficas em situações que envolvem conflitos de interesses para mostrar *apoio* para os comportamentos parentais do parceiro; (d) identificar quando conversas com o parceiro são necessárias para *gerenciar divergências interpessoais* ativamente; (e) *concordar* sobre o que fazer para reduzir riscos quando há perigos; (f) *trabalhar juntos* para atender necessidades emocionais dos filhos e promover o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, entre outros.

As bases para a construção da coparentalidade partem das experiências anteriores (na sua família de origem, como também via a observação de outras pessoas) e as habilidades socioemocionais de cada um dos pais. Esses repertórios serão acionados de acordo com o processo contínuo de desenvolvimento adulto individual e com o “momento” da relação do casal, como períodos de maior afeto e maior tempo para dedicar à comunicação coparental (Frizzo et. al, 2005). A criança também influencia nesse processo, porque suas capacidades e características influenciam na dinâmica da relação coparental (Prati & Koller, 2011).

As interações coparentais também podem ser vistas como uma oportunidade “intermediária” que permite a gestão dos comportamentos parentais (entre os pais e os filhos) via o relacionamento com o parceiro, já que as trocas entre os membros do casal

podem influenciar tanto a maneira como os pais passam a interagir com suas crianças, como as experiências de estresse ou de aproximação na relação conjugal, frente às exigências de seus papéis parentais. Por exemplo, mudar o foco de atividades que o casal realizava juntos, antes de ter um filho, do período noturno (por ex., ir ao cinema, frequentar restaurantes) para atividades que incluem o filho e que ocorrem no período diurno ou no final de semana (por ex., visitar familiares, fazer passeios em parques) pode tanto ajudar a manter a qualidade da relação conjugal como abrir espaço para incluir interações com o filho. Quando ocorre uma “competição” para o uso de recursos (tempo, atenção, dinheiro) para a relação conjugal versus o coparental, no entanto, a qualidade de cada relação entre os pais tende a diminuir e a frequência de conflitos hostis tende a aumentar (Frizzo et al., 2005). Assim, o conflito conjugal afetaria a disponibilidade para colaborar na relação coparental e, conseqüentemente, a probabilidade de apoiar ou de sabotar o parceiro durante as interações entre os pais e com a criança.

Em relação às interações entre os parceiros conjugais, Bodenmann (2017) sugere que os estresses diários originados fora do relacionamento, mas que afetam a disponibilidade ou a disposição de um dos parceiros para manter seu engajamento no casamento, são particularmente prejudiciais para as relações próximas, se forem mal geridos. Dificuldades para lidar com estressores que impactam na relação conjugal podem levar à alienação mútua e à diminuição da qualidade da relação, ao longo do tempo. Este autor sugere que o estresse externo afeta a relação, por diminuir o tempo que os parceiros passam juntos, diminuir a qualidade da comunicação, aumentar o risco de problemas físicos e psicológicos e aumentar a probabilidade de traços de personalidade problemáticos serem expressos pelos parceiros.

Dessa forma, o conceito de *coping* diádico aparece como uma ferramenta que é usada na relação entre os parceiros para a construção e manutenção da relação conjugal (Bodenmann, 2017). Essas habilidades podem favorecer a qualidade da relação entre o casal (considerando os subsistemas conjugal e coparental), bem como a relação com seus filhos. Mais especificamente, o *coping* diádico se refere a um processo de enfrentamento de demandas que envolve ambos os parceiros. Ambos contribuem para fazer um esforço conjunto para controlar os estressores, com base em habilidades como perceber os sinais de estresse comunicados pelo parceiro, delegação de tarefas e colaboração para gerir a situação estressora.

A importância de habilidades para responder às necessidades emocionais do parceiro é fundamentada em pesquisas que indicam que a empatia tem um impacto direto na qualidade da interação conjugal (Sardinha et al., 2009). Quando um dos parceiros se esforça para enxergar os acontecimentos sob a perspectiva do outro, muitos conflitos podem ser

evitados, e a resolução de problemas na relação se torna mais simples. Além disso, pessoas mais empáticas tendem a apresentar maior satisfação com os aspectos estruturais do relacionamento, pois, ao considerar o ponto de vista do cônjuge, conseguem ajustar suas vidas de forma a responder melhor às necessidades do parceiro.

### **1.3 Desalinhamento entre os pais**

Cerca de um terço dos casais apresenta boas habilidades para lidar com as demandas da parentalidade, trabalhando juntos (Feinberg et al., 2016). Nos outros casais, os pais apresentam reações emocionais negativas prolongadas diante de diferenças de opinião com seu parceiro coparental. Para esses casais, os problemas para lidar com o filho tendem a intensificar os conflitos entre os pais, no lugar de ativar esforços para resolver os problemas. Quando os pais se distanciam emocionalmente um do outro, diante dos problemas, a relação coparental não age como fator de proteção para os pais, se transformando em um fator de risco para o desempenho parental inadequado e para o desenvolvimento de um quadro de *burnout* parental.

O *burnout* parental pode ser definido como o resultado de um desequilíbrio crônico entre as demandas e os recursos associados ao papel parental (Mikolajczak & Roskam, 2018). O *burnout* parental resulta de um estado de profundo esgotamento para com as tarefas e responsabilidades de cuidar dos filhos, em que a pessoa acaba sentindo-se emocionalmente desligada dos filhos, já não é capaz de encontrar a energia para responder às necessidades dos filhos ou de retirar prazer do papel parental, de forma que se irrita facilmente diante das necessidades do filho e questiona a sua capacidade de ser um bom pai ou uma boa mãe (Matias et al., 2020).

Alguns exemplos de fatores de risco para *burnout* parental propostos por Mikolajczak e Roskam (2018) são: o perfeccionismo (expectativas excessivamente altas para o desempenho parental), a baixa inteligência emocional, práticas educativas desajustadas com as necessidades socioemocionais ou as habilidades do filho, carga alta de tarefas domésticas (sem tempo adequado para considerar alterações na rotina, e nem para descanso ou lazer), falta de apoio do cônjuge e falta de uma rede de apoio. Já os fatores de proteção de um estado de *burnout* parental são aqueles que ajudam a diminuir o estresse, por exemplo a auto-compassão, boas habilidades interpessoais e inteligência emocional, domínio do uso de práticas educativas positivas, oportunidades para alocar tempo para atividades de lazer, presença de uma rede de apoio adequada e experiências de

coparentalidade positivas.

Há evidências apontando para a gravidade dos efeitos de um estado de *burnout* parental para os próprios pais e mães, bem como para os filhos. Algumas consequências do *burnout* parental encontradas em estudos anteriores são: alterações de sono, conflitos e distanciamento entre os parceiros, intenção de abandonar a família, procura de escapes (álcool, drogas e outras atividades que consomem tempo e dinheiro ao detrimento do atendimento das necessidades dos filhos), ideação suicida, comportamentos de negligência e violência com os filhos (De Paula et al., 2022). Diante das consequências graves de *burnout* parental, é importante compreender mais sobre a forma como os pais lidam com o gerenciamento de estresse no relacionamento coparental, que pode agir como fator de proteção quando os pais mantenham um bom vínculo emocional, ou como um fator de risco, quando as dificuldades levam ao distanciamento emocional e conflitos hostis frequentes.

#### **1.4 Desenvolvimento dos Filhos, na Adolescência, e o Papel dos Pais**

A fase da pré-adolescência e adolescência dos filhos é um período em que é comum os pais experimentarem dificuldades para apoiar seus filhos, aumentando o risco de negligência emocional e desligamento psicológico por parte dos pais (Glaser, 2011). Essas dificuldades podem refletir a falta de clareza sobre estratégias adequadas para encorajar o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional do filho, e para acolher o filho diante de experiências negativas.

Ao longo da adolescência, as necessidades dos filhos vão mudando, exigindo dos pais novas posturas, ou ajustamentos para lidar com as necessidades do filho de se individualizar, ser reconhecido enquanto uma pessoa capaz de fazer escolhas e que precisa começar a decidir sobre seu futuro, para vir a ser um adulto. É entendido que, na fase inicial, os adolescentes ainda não têm condições de seguirem sozinhos. Por isso que, embora não sejam mais crianças, são reconhecidos como adolescentes, diante da indefinição de seu status enquanto adultos. Nesse período, os adolescentes precisam desenvolver habilidades a fim de passar pela transição entre dependência e independência. Os pais precisam promover o desenvolvimento dessas habilidades, mas tendem a encontrar dificuldades para fazer esse ajustamento, ainda não conseguindo perceber ou aceitar as mudanças na vida de seu filho. Assim, podem continuar agindo como se seu filho ainda estivesse no período da infância, dificultando o processo de transição do filho entre a infância e a adultez (Rosimere, 2015).

Outros pesquisadores também observaram que jovens na faixa etária de 10 a 14 anos

estão passando por um período de transição que requer o desenvolvimento de habilidades de autocontrole, para que dependem cada vez menos de um contexto de controle externo, enquanto lidam com alterações biológicas, psicológicas e sociais. Esse período é caracterizado, na maioria das vezes, como marcado por muitos conflitos entre pais e filhos. A delimitação dos papéis das figuras parentais é fundamental para administrar esses conflitos e para contribuir para um funcionamento familiar mais saudável, pois é no ambiente familiar que são estabelecidas as referências e apoio para o adolescente construir sua identidade de uma forma saudável (Nardi & Dell’Aglia, 2012).

No geral, é na *fase inicial da adolescência* (dos 9 aos 14 anos) que acontecem as transformações corporais mais visíveis e as alterações psicossociais, como as percepções de si mesmo e de como lidar com outras pessoas e com responsabilidades maiores. Depois dessa fase, surgem demandas adicionais que se concentram na *adolescência média*, quando os jovens estão na faixa etária entre 14 a 16 anos. Uma das questões que se torna explícita e que recebe muita atenção nesse período é a sexualidade. A *fase da adolescência final* geralmente ocorre no período entre 17 aos 20 anos. Os elementos característicos desse período incluem o estabelecimento de novos vínculos com os pais, a definição profissional, bem como a aceitação do novo corpo e das mudanças psicossociais, para iniciar o processo de inserção no mundo adulto (Rosimere, 2015).

É no período da adolescência final que os pais têm que se desprender do filho “criança” e aprender a lidar com o filho “adulto”. Se os pais não se dão conta de contribuir para essa transição, esse período torna-se ainda mais doloroso. Os pais precisam aprender a fazer renúncias na gestão da vida do filho e aceitar a capacidade de seu filho de tomar decisões e de começar a se responsabilizar para o alcance de suas próprias conquistas (Rosimere, 2015).

Diante das demandas sobre os pais, neste período, a relação coparental é muito importante. A função principal da relação coparental é de favorecer a troca de ideias entre os pais, de forma que possam compartilhar suas percepções sobre as necessidades físicas e socioemocionais do filho e sobre a eficácia de como cada um dos pais está tentando ajudar o filho com essas questões. Mas, em função dos efeitos do estresse para lidar com problemas, desacordos e tensões interpessoais, as interações entre os pais podem se transformar em discussões destrutivas e a incapacidade de mudar seus comportamentos, a favor das necessidades do filho.

### **1.5 Diferenças na gestão emocional da família, ligadas ao gênero**

Para favorecer interações coparentais produtivas, além de identificar algumas das habilidades socioemocionais que são envolvidas, também é importante identificar fatores que podem contribuir para dificuldades na gestão emocional destas interações, como no caso de gênero. A alteração na lógica social de divisão de tarefas em função de gênero em atividades remuneradas desencadeou, em paralelo, alterações significativas nos papéis ligados ao gênero no âmbito familiar, onde existem demandas extensas e intensas. As responsabilidades de pais e mães para realizar atividades domésticas e de cuidado dos filhos no contexto familiar ainda apresentam diferenças ligadas ao gênero (Bertho, 2020). Mas, para além da divisão de trabalho para realizar as atividades em si, também é importante comparar percepções de pais e mães sobre como lidam com as tensões que surgem na relação com o parceiro, diante de dificuldades para criar o filho.

De acordo com Carter e McGoldrick (2001), as mulheres têm um papel central na gestão de questões emocionais dentro de um sistema familiar. O “trabalho emocional” pode contribuir para manter a qualidade dos relacionamentos familiares, ao longo do tempo, bem como para ajudar os filhos a aprenderem a regular suas reações emocionais durante a busca por formas adaptativas de lidar com as demandas que enfrentam. Portanto, é importante verificar evidências sobre o envolvimento de cada um dos pais na relação coparental, bem como as habilidades das mães e dos pais para reconhecer e gerenciar os sentimentos negativos que surgem durante seus esforços para lidar com situações parentais estressantes.

### **1.6 Justificativa do estudo**

Diante dos conceitos e evidências apresentadas, é possível observar que, na ausência de níveis elevados de conflito entre os parceiros, a relação coparental é um subsistema protetivo que favorece o desenvolvimento saudável dos filhos (Feinberg et al., 2016). Além disso, alguns autores referem que a qualidade da relação entre pais e seus filhos jovens se beneficiará se houver uma maior troca de ideias entre a mãe e o pai, a respeito de como promover o desenvolvimento do filho (Dill & Calderan, 2011), refletindo um possível influência de gênero.

No entanto, ainda há poucas informações e evidências, sobretudo na literatura brasileira, descrevendo as habilidades de pais e de mães para lidar, juntos, com os efeitos emocionais das demandas de criar um filho adolescente. Encontrar evidências a respeito disso, bem como sobre fatores como gênero, que podem afetar a relação entre *coping*

diádica e a qualidade da relação coparental, é importante para guiar a prática profissional de psicólogos trabalhando com famílias com filhos adolescentes, tornando mais visível a importância da gestão do estresse parental e a influência de gênero sobre esse processo.

## OBJETIVOS

Diante das considerações apresentadas, os objetivos da presente pesquisa são: (a) avaliar as percepções de pais e mães, com filhos adolescentes, sobre habilidades de *coping* diádico, envolvimento de cada parceiro na manutenção da relação coparental, e a qualidade dessa relação e (b) analisar as relações entre esses três construtos.

1. Comparar pontuações de mães e pais em instrumentos usados para avaliar: (a) *coping* diádico, (b) diferenças no envolvimento dos pais na gestão da relação coparental e (c) a relação coparental;
2. Investigar a relação entre *coping* diádico e a relação coparental, e entre envolvimento na gestão da relação coparental e qualidade da relação coparental.

## MÉTODO

### Delineamento

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo comparativo-correlacional, com delineamento transversal.

### Considerações Éticas

Esta pesquisa foi conduzida de acordo com as diretrizes e normas que regem a pesquisa científica, considerando as prerrogativas da Resolução n.º 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e contou com o consentimento dos pais em participar, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos, sob o parecer para o projeto “A Comunicação entre Parceiros que são Pais e Mães de Adolescentes”, emitido em 15 de Abril de 2025, CAAE 87032325.9.0000.5504, obtendo aprovação sob número do parecer 7.509.148.

## Participantes

Participaram deste estudo 73 mulheres e 34 homens. Os critérios de inclusão foram: idade igual ou superior a 18 anos, ser pai ou mãe de um ou mais filhos entre 9 e 18 anos, ser casado ou estar em uma união estável e ter um dispositivo (computador, tablet, ou celular) com acesso à internet. Desses participantes, 63,5% afirmaram ter 1 filho, 33,8% 2 filhos, e o restante 3 ou 4 filhos com idades entre 9 e 18 anos. A idade das mulheres variou entre 36 e 58 anos ( $M=48,4$ ;  $DP=4,6$ ) e dos homens entre 40 e 59 anos ( $M=49,2$ ;  $DP=4,8$ ). Na Tabela 1, são apresentadas algumas informações sobre o perfil sociodemográfico dos participantes.

**Tabela 1.** Perfil Sociodemográfico dos Participantes, por Gênero

Característica	Mães ( $n = 73$ )		Pais ( $n = 34$ )	
	$n$	%	$n$	%
<b>Identificação Étnico-racial</b>				
Amarelo (a)	1	1,4	1	2,9
Branco (a)	69	94,5	27	79,4
Pardo (a)	2	2,7	3	8,8
Preto (a)	1	1,4	2	5,9
Prefiro não responder	0	0	1	2,9
<b>Estado Civil</b>				
Casado (a)	64	87,7	29	85,3
Em união estável	9	12,3	5	14,7
<b>Estado</b>				
São Paulo	70	95,9	22	64,7
Minas Gerais	2	2,7	1	2,9
Pernambuco	0	0	9	26,5

**Tabela 1.** *Perfil Sociodemográfico dos Participantes, por Gênero*

Goiás	0	0	1	2,9
Ceará	0	0	1	2,9
Bahia	1	1,4	0	0

Como pode ser observado na Tabela 1, a grande maioria dos homens e mulheres se autodeclararam brancos. Em relação ao estado civil, 87,7% das mulheres e 85,3% dos homens eram casados, enquanto o restante estava em uma união estável. Sobre o estado de residência, a grande maioria das mulheres moravam no estado de São Paulo (95,9%), enquanto 64,7% dos homens moravam no estado de São Paulo, 26,5% no estado de Pernambuco e o restante em Minas Gerais, Goiás e Ceará.

### **Instrumentos**

Os instrumentos – Questionário sociodemográfico, Inventário de *Coping* Diádico, Questionário de Diferenças no Envolvimento na Gestão da Relação Coparental e Escala de Relação Coparental - versão brasileira – foram apresentados usando um formulário online na plataforma *Google Forms*.

**Questionário sociodemográfico.** Esse instrumento foi elaborado para a presente pesquisa. As informações solicitadas foram: idade, gênero, autodeclaração de raça e cor, local de residência, número de filhos total e número de filhos entre 9 e 18 anos.

**Inventário de Coping Diádico (DCI-BR) (Hasslocher et al., 2022).** Este inventário foi adaptado do Dyadic Coping Inventory (DCI) de Bodenmann, por Hasslocher et al. (2022). Foi construído para avaliar a comunicação percebida e o coping diádico que ocorre em relações próximas quando um ou ambos os parceiros estão sob estresse, incluindo a tentativa da pessoa de reduzir o estresse do parceiro e as tentativas comuns para lidar com fatores externos de estresse e que afetam a relação. No preenchimento deste inventário, os participantes respondam a 37 itens usando uma escala de pontuação tipo Likert de 5 pontos que varia entre 1 (muito raramente) a 5 (muito frequentemente), identificando a resposta que

melhor descreve a forma como se comunicam e se relacionam com o seu parceiro, em relação à criação de seu (s) filho (s) adolescentes.

Por conta de um equívoco na construção do formulário, o item de número “25” da subescala “responsividade própria ao estresse do parceiro” não foi incluído na coleta de dados de nenhum participante. Após uma análise de confiabilidade para esse fator, foi possível continuar a análise dos dados sem prejuízo, já que todos os itens da subescala mencionada não sofreram alterações significativas, apresentando alfa de Cronbach  $> 0,70$ , confirmando a confiabilidade desse fator, como também para o instrumento mais em geral.

### **Questionário de Diferenças no Envolvimento na Gestão da Relação Coparental.**

O instrumento foi desenvolvido pela autora da presente pesquisa para avaliar o nível de envolvimento e percepção de responsabilidade dos participantes na relação coparental, em comparação com seu parceiro. Foi feita uma aplicação teste do instrumento com pais e mães para verificar a compreensão dos itens. Após cada aplicação, as sugestões de melhorias foram consideradas para modificação dos itens antes da próxima aplicação até que não houvesse mais sugestões ou dificuldades de compreensão.

Na versão aplicada, o questionário era composto por quatro itens: “Quem é mais provável de iniciar uma conversa a respeito do seu filho adolescente?”; “Quem é mais provável de ter uma reação negativa durante uma conversa sobre problemas em relação a seu filho adolescente?”; “Quem é mais provável de tentar melhorar o relacionamento com o parceiro quando há dificuldades ou conflitos em relação a seu filho adolescente?”. Foi avaliado o envolvimento de cada parceiro de forma contínua a fim de verificar se esse envolvimento tem gradações ou se é de natureza dicotômica em cada relacionamento. Portanto, os três primeiros itens foram respondidos usando uma escala que varia de 1 a 7 pontos, sendo valores entre 1 e 3 quando o participante realiza essa ação com mais frequência do que o parceiro, 4 quando ambos realizam com a mesma frequência, e valores entre 5 e 7 quando o (a) parceiro (a) realiza essa ação com mais frequência do que o participante, para observar gradações no envolvimento de cada parceiro.

O quarto item era uma questão com respostas de formato fechada, extraída e adaptada da Escala de Ajustamento Diádico (Hernandez et al., 2023), com cinco possíveis alternativas: (a) Quero muito que a minha relação coparental seja a melhor possível e vou fazer todo o possível para isso acontecer; (b) Quero muito que a minha relação coparental seja a melhor possível e vou fazer a minha parte para isso acontecer; (c) Seria bom se a minha relação coparental desse certo, mas não posso fazer mais do que estou fazendo agora para isso

acontecer; (d) Seria bom se a minha relação coparental desse certo, mas me recuso a fazer mais do que estou fazendo agora para manter a relação andando; (e) Minha relação coparental nunca vai dar certo e não há mais nada que eu possa fazer para manter a minha relação andando.

**Escala da Relação Coparental (Carvalho et al., 2018).** A *Coparenting Relationship Scale* (CRS) foi desenvolvida por Feinberg, Brown e Kan, em 2012, com a finalidade de avaliar a qualidade da coparentalidade e foi adaptada para uso no Brasil por Carvalho et al. (2018), denominada como a Escala da Relação Coparental (CRS-BR). É um instrumento de autorrelato composto por 35 itens, divididos em sete subescalas: (a) Concordância coparental (por exemplo, “Eu e o meu cônjuge temos as mesmas metas para o/a nosso/a filho/a”), (b) Proximidade coparental (por exemplo, “O meu relacionamento com o meu cônjuge é mais forte agora do que antes de termos um/a filho/a”), (c) Suporte coparental (por exemplo, “O meu cônjuge me faz sentir como se eu fosse a melhor mãe/o melhor pai possível para nosso/a filho/a”), (d) Apoio à parentalidade do parceiro (por exemplo, “Meu companheiro dá muita atenção ao(à) nosso(a) filho(a).”), (e) Divisão do trabalho (por exemplo, “Meu cônjuge não se preocupa em dividir de forma justa o cuidado do/a nosso/a filho/a”), (f) Sabotagem coparental (por exemplo, “Meu cônjuge sabota (prejudica) meu papel de mãe/pai”) e (g) Exposição da criança ao conflito coparental (por exemplo, “Um dos cônjuges ou ambos dizem coisas cruéis ou que magoam o/a outro/a, na frente do/a filho/a?”). A CRS possui uma escala de pontuação de sete pontos, que varia de 0 (não é verdadeiro sobre nós) até 6 (muito verdadeiro sobre nós) para os itens de 1 a 30, e uma escala de frequência de sete pontos, que varia de 0 (nunca) até 6 (Muito frequentemente (várias vezes ao dia)) para os itens 31 a 35.

### **Procedimento de Coleta de Dados**

Após a obtenção da aprovação pelo Comitê de Ética, deu-se início à fase de recrutamento dos participantes, a partir de um convite de pesquisa divulgado em redes sociais, como Facebook, Instagram e WhatsApp. No convite, constavam a descrição dos objetivos da pesquisa e o link para acessar o formulário. Ao acessar o link os participantes foram direcionados para uma página contendo o formulário do *Google Forms*. Na primeira seção do formulário os participantes tinham acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e aceite. Caso concordasse com os termos, o participante

clicava na opção “Li e concordo em participar da pesquisa”. Caso não concordasse, clicava na opção “Li e não concordo em participar da pesquisa” e o formulário era encerrado. Após o aceite do TCLE, os participantes tinham acesso aos instrumentos da pesquisa descritos anteriormente. Convém enfatizar que apesar do aceite do TCLE ter sido online, foi disponibilizado para os participantes a opção de baixar o termo e de ter acesso ao termo, sempre que solicitado à pesquisadora.

### **Procedimento de Análise de Dados**

Inicialmente, foram conduzidas análises estatísticas descritivas (média, desvio padrão e frequência percentual) para caracterizar a amostra com base nas informações do questionário sociodemográfico e dos instrumentos psicométricos aplicados.

Em seguida, para verificar a normalidade das distribuições amostrais das variáveis de interesse, foi utilizado o teste de Shapiro–Wilk, adotando-se o critério de  $p < 0,05$  para rejeitar a hipótese de normalidade (Dancey & Reidy, 2018). Com base nos resultados apresentados na Tabela 2, pode ser observado que as distribuições dos escores obtidos na Escala de Relação Coparental, no Inventário de Coping Diádico e no Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental não seguiram uma distribuição normal ( $p < 0,05$  para todos os escores nas subescalas e itens de interesse no caso das mães, e para todos menos dois, no caso dos pais).

Também foi examinada a forma das relações entre os pares de variáveis por meio de gráficos de dispersão, a fim de verificar se apresentavam um padrão aproximadamente linear ou curvilíneo. Com base nesses resultados, observou-se que as associações entre as variáveis eram predominantemente lineares. Considerando, contudo, a ausência de normalidade nas distribuições, optou-se pela aplicação do coeficiente de correlação de Spearman ( $\rho$ ), apropriado para dados não paramétricos e relações lineares ou monotônicas.

Para todas as análises de correlação, adotou-se o nível de significância de  $p < 0,05$  como critério para rejeitar a hipótese nula, de ausência de relação entre as variáveis. A interpretação da magnitude das correlações seguiu os parâmetros descritos por Levin e Fox (2004): correlação muito fraca (0,00–0,19), fraca (0,20–0,39), moderada (0,40–0,59), forte (0,60–0,79) e muito forte (0,80–1,00).

Além disso, para comparar os escores entre mães e pais, foi utilizado o teste  $U$  de Mann–Whitney, adequado para amostras independentes e distribuições não paramétricas.

Essa escolha garantiu uma análise robusta e válida, preservando a confiabilidade dos resultados obtidos, uma vez que os grupos comparados (mães e pais) não apresentavam escores com distribuições normais.

O tamanho do efeito do teste de Mann–Whitney foi calculado por meio da *Rank Biserial Correlation*, conforme sugerido por Gibbons e Chakraborti (2010). Esse índice, que varia entre  $-1$  e  $+1$ , permite avaliar a magnitude da diferença entre os grupos de forma análoga à correlação de Spearman. A interpretação dos valores seguiu os critérios de Cohen (1988): efeito muito pequeno (0,00–0,19), pequeno (0,20–0,39), moderado (0,40–0,59), grande (0,60–0,79) e muito grande ( $\geq 0,80$ ).

**Tabela 2.** *Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk, por Gênero*

	Mães (n = 73)		Pais (n = 34)	
	<i>W</i>	<i>p</i>	<i>W</i>	<i>p</i>
<b>Inventário de Coping Diádico</b>				
Abertura do parceiro para ouvir expressões do estresse próprio	0,87	< 0,01	0,96	0,21
Responsividade do parceiro ao estresse próprio	0,93	< 0,01	0,88	< 0,01
Abertura própria à comunicação do estresse pelo parceiro	0,95	< 0,01	0,93	0,03
Responsividade própria ao estresse do parceiro	0,95	< 0,01	0,96	0,31
Coping diádico conjunto	0,95	< 0,01	0,92	0,02
Avaliação da capacidade do casal de lidar com o estresse	0,86	< 0,01	0,82	< 0,01
<b>Escala de Relação Coparental</b>				
Concordância	0,85	< 0,01	0,83	< 0,01
Proximidade	0,86	< 0,01	0,79	< 0,01
Suporte	0,86	< 0,01	0,79	< 0,01
Apoio	0,86	< 0,01	0,79	< 0,01
Divisão do Trabalho	0,93	< 0,01	0,87	< 0,01
Sabotagem	0,74	< 0,01	0,78	< 0,01
Conflito criança	0,89	< 0,01	0,85	< 0,01
Escore total	0,87	< 0,01	0,83	< 0,01
<b>Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental</b>				
Quem é mais provável de iniciar uma conversa	0,86	< 0,01	0,85	< 0,01
Quem é mais provável de reagir negativamente em uma conversa	0,90	< 0,01	0,92	0,02
Quem é mais provável de tentar melhorar o relacionamento com o parceiro quando há dificuldades	0,91	< 0,01	0,85	< 0,01
Dedicação	0,73	< 0,01	0,50	< 0,01

## RESULTADOS

O primeiro objetivo do presente estudo é de comparar pontuações de mães e pais em instrumentos usados para avaliar: (a) *coping* diádico, (b) diferenças no envolvimento dos pais na gestão da relação coparental e (c) a relação coparental. Portanto, inicialmente, para entender as percepções dos participantes a respeito de questões de coping diádico, a relação coparental e o engajamento de cada parceiro na relação coparental a fim de lidar com a criação de um filho adolescente, foram verificadas informações descritivas sobre os escores dos pais e das mães em cada instrumento, comparando os valores observados com o teste-*U* de Mann Whitney.

**Tabela 3.** Comparação dos Escores dos Pais e Mães: Inventário de Coping Diádico, Escala de Relação Coparental e Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental

Inventário de Coping Diádico	Mães (n = 73)			Pais (n = 34)			Teste U de Mann-Whitney		
	M	Mdn	DP	M	Mdn	DP	U	p	Rank Biserial Correlation
Abertura do parceiro para ouvir expressões do estresse próprio	4,06	4,25	0,93	3,65	3,75	0,77	1674	< 0,01	-0,35
Responsividade do parceiro ao estresse próprio	3,83	4,00	0,87	4,06	4,09	0,65	1056,5	0,22	0,15
Abertura própria à comunicação do estresse pelo parceiro	3,48	3,50	1,06	4,04	4,13	0,66	851	< 0,01	0,31
Responsividade própria ao estresse do parceiro	3,86	3,90	0,64	3,93	4,05	0,58	1178,5	0,68	0,05
Coping diádico conjunto	3,61	3,80	0,91	3,86	3,80	0,67	1059,5	0,22	0,15
Avaliação da capacidade do casal de lidar com o estresse	3,74	4,00	1,23	4,09	4,00	0,88	1087,5	0,29	0,12
<b>Escala de Relação Coparental</b>									
Concordância	4,85	5,25	1,24	4,89	5,00	0,97	1352	0,46	-0,09
Proximidade	4,92	5,40	1,04	5,08	5,30	1,00	1119	0,41	0,10
Suporte	4,92	5,40	1,04	5,08	5,30	1,00	1119	0,41	0,10
Apoio	4,92	5,40	1,04	5,08	5,30	1,00	945,5	0,41	0,10

**Tabela 3.** Comparação dos Escores dos Pais e Mães: Inventário de Coping Diádico, Escala de Relação Coparental e Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental

Divisão do Trabalho	4,06	4,00	1,48	4,66	5,00	1,37	1240,5	0,05	0,24
Sabotagem	1,72	1,33	0,98	1,66	1,33	0,81	1135	1	< 0,01
Conflito criança	1,86	1,60	0,77	2,06	1,80	1,03	1135	0,48	0,09
Escore total	3,86	4,05	0,54	3,97	4,04	0,53	1106,5	0,37	0,11
<b>Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental</b>									
Quem é mais provável de iniciar uma conversa	2,60	2,00	1,50	4,03	4,00	1,27	553	< 0,01	0,55
Quem é mais provável de reagir negativamente em uma conversa	3,62	4,00	1,85	3,76	4,00	1,33	1169	0,62	0,06
Quem é mais provável de tentar melhorar o relacionamento com o parceiro quando há dificuldades	3,23	3,00	1,65	3,53	4,00	1,24	1096,5	0,32	0,12
Dedicação	1,78	1,00	0,56	1,79	1,00	0,41	1207	0,78	0,03

Com base na Tabela 3, observa-se que no instrumento de *Coping* Diádico, houve somente diferenças de tamanho (considerando as correlações *point bisserial*) pequenas ou muito pequenas em função do gênero. As subescalas “Abertura do Parceiro para ouvir Expressões do Estresse Próprio” e “Abertura Própria à Comunicação do Estresse pelo Parceiro” apresentaram índices de -0,35 e 0,31, respectivamente, sendo as maiores diferenças neste instrumento. O restante das subescalas apresentou índices entre 0,05 e 0,15.

Em relação à Escala da Relação Coparental, houve apenas uma diferença estatisticamente significativa nos escores obtidos por pais e mães. Nesse sentido, é possível observar que ambos os grupos possuíam escores similares nos domínios avaliados no instrumento, com exceção de “Divisão do Trabalho” ( $p = 0,05$ ). As mulheres avaliaram a divisão do trabalho menos positivamente ( $Mdn = 4,00$ ) do que os homens ( $Mdn = 5,00$ ). No entanto, os índices de tamanho de efeito variaram entre  $|0,09$  a  $0,24|$ , indicando efeitos muito pequenos do gênero dos participantes nas variáveis analisadas.

No que se refere ao instrumento de avaliação do envolvimento na gestão da relação coparental, é possível observar uma diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,01$ ) para o item “*Quem é mais provável de iniciar uma conversa*”, sendo que as mulheres relataram iniciar conversas sobre seus filhos adolescentes mais do que seus parceiros ( $Mdn = 2,00$ ), enquanto os homens relataram que iniciam conversas sobre seus filhos adolescentes com a mesma frequência que sua parceira ( $Mdn = 4,00$ ). O tamanho de efeito é de 0,55, indicando uma diferença de tamanho moderado. Nesse caso, as mulheres apresentaram médias mais próximas da alternativa “eu” (sou mais provável de iniciar uma conversa sobre nosso filho adolescente) e os homens, mais próximos da alternativa “ambos realizam com a mesma frequência” (iniciar uma conversa sobre nosso filho adolescente). Os demais itens desse instrumento não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, com índices de tamanho de efeito variando entre 0,03 e 0,12, indicando diferenças muito pequenas.

**Tabela 4.** *Correlações entre Coping Diádico e Coparentalidade, por Gênero*

		Coparentalidade							
		Concordância	Proximidade	Suporte	Apoio	Divisão do trabalho	Sabotagem	Conflito criança	Escore total
<b>Coping Diádico</b>									
<b>Próprio - Comunica o estresse</b>									
Mães	$r_s$	<b>0,41</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>0,45</b>	-0,39	<b>-0,50</b>	0,36
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01
Pais	$r_s$	0,09	<b>0,52</b>	<b>0,52</b>	<b>0,52</b>	0,33	-0,20	-0,36	0,35
	$p$	0,59	< 0,01	< 0,01	< 0,01	0,06	0,26	0,04	0,04
<b>Parceiro - responde ao estresse</b>									

**Tabela 4.** *Correlações entre Coping Diádico e Coparentalidade, por Gênero*

Mães	$r_s$	<b>0,67</b>	<b>0,70</b>	<b>0,70</b>	<b>0,70</b>	<b>0,54</b>	<b>-0,65</b>	<b>-0,56</b>	<b>0,58</b>
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01
Pais	$r_s$	0,19	0,31	0,31	0,31	0,39	<b>-0,48</b>	<b>-0,43</b>	0,12
	$p$	0,29	0,07	0,07	0,07	0,02	< 0,01	0,01	0,51
<b>Parceiro - comunica o estresse</b>									
Mães	$r_s$	<b>0,42</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>0,45</b>	<b>-0,49</b>	-0,39	0,33
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01
Pais	$r_s$	-0,07	<b>0,54</b>	<b>0,54</b>	<b>0,54</b>	0,09	-0,16	-0,15	<b>0,44</b>
	$p$	0,68	< 0,01	< 0,01	< 0,01	0,63	0,36	0,39	< 0,01
<b>Próprio - Responde ao estresse</b>									
Mães	$r_s$	<b>0,49</b>	<b>0,50</b>	<b>0,50</b>	<b>0,50</b>	0,35	<b>-0,52</b>	<b>-0,45</b>	0,39
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01
Pais	$r_s$	0,15	0,39	0,39	0,39	0,29	-0,15	<b>-0,49</b>	0,17
	$p$	0,39	0,02	0,02	0,02	0,10	0,39	< 0,01	0,35
<b>Coping diádico conjunto</b>									

**Tabela 4.** *Correlações entre Coping Diádico e Coparentalidade, por Gênero*

Mães	$r_s$	0,39	<b>0,55</b>	<b>0,55</b>	<b>0,55</b>	0,36	<b>-0,53</b>	<b>-0,40</b>	<b>0,41</b>
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	0,002
Pais	$r_s$	0,25	<b>0,50</b>	<b>0,50</b>	<b>0,50</b>	0,12	-0,30	-0,29	0,35
	$p$	0,15	< 0,01	< 0,01	< 0,01	0,51	0,09	0,10	0,04
<b>Avaliação da capacidade do casal de lidar com o estresse</b>									
Mães	$r_s$	<b>0,49</b>	<b>0,68</b>	<b>0,68</b>	<b>0,68</b>	<b>0,44</b>	<b>-0,48</b>	<b>-0,48</b>	<b>0,59</b>
	$p$	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01	< 0,01
Pais	$r_s$	0,19	<b>0,42</b>	<b>0,42</b>	<b>0,42</b>	0,22	-0,39	-0,33	0,26
	$p$	0,27	0,01	0,01	0,01	0,22	0,02	0,06	0,14

Na Tabela 4, são apresentados os valores de correlações entre os escores nas subescalas dos instrumentos de *Coping* Diádico e Coparentalidade, com base no coeficiente de correlação de Spearman ( $r_s$ ). O padrão global de resultados para as mães foi muito diferente do que para os pais, considerando que foram observadas 40 correlações de moderadas a fortes para as mulheres e somente 16 moderadas para os homens. Para as mulheres, destaca-se dois resultados. Primeiro, quanto maior a percepção das mulheres de que o parceiro responde ao estresse delas em relação ao filho adolescente, quanto mais positivas as percepções delas de todas as dimensões da qualidade da relação coparental, com coeficientes de correlação de Spearman entre moderados e fortes [0,65 e 0,70]. Segundo, a avaliação da capacidade do casal de lidar com o estresse também esteve fortemente relacionada com percepções das dimensões de proximidade, suporte e apoio da qualidade da relação coparental para as mulheres, com coeficientes de correlação de moderados a fortes.

Para os homens, foram observados relacionamentos significativos (moderados) menos numerosos (16 em comparação com 40, de um total de 48) e de menor força do que no caso das mulheres. As dimensões de sua percepção do *coping* diádico conjunto, de quando a parceira comunica o estresse e de quando o próprio homem comunica o estresse à parceira estavam moderadamente e positivamente relacionadas com os fatores de proximidade, suporte e apoio da qualidade da relação coparental. O restante das dimensões estavam fracamente relacionadas, para os homens.

**Tabela 5.** Correlações entre Envolvimento na Gestão da Relação Coparental e Coparentalidade, por Gênero

		Coparentalidade							
		Concordância	Proximidade	Suporte	Apoio	Divisão do trabalho	Sabotagem	Conflito criança	Escore total
<b>Envolvimento na Gestão da Relação Coparental</b>									
<b>Quem é mais provável de iniciar uma conversa</b>									
Mães	$r_s$	0,09	0,16	0,16	0,16	<b>0,24</b>	-0,03	0,04	0,22
	$p$	0,47	0,19	0,19	0,19	0,04	0,81	0,71	0,06
Pais	$r_s$	0,01	-0,09	-0,09	-0,09	-0,16	0,05	-0,16	-0,10
	$p$	0,95	0,60	0,60	0,60	0,38	0,80	0,35	0,57
<b>Quem é mais provável de reagir negativamente em uma conversa</b>									
Mães	$r_s$	<b>0,25</b>	0,16	0,16	0,16	<b>0,28</b>	<b>-0,28</b>	-0,09	0,14
	$p$	0,03	0,18	0,18	0,18	0,02	0,02	0,47	0,25
Pais	$r_s$	< 0,01	-0,04	-0,04	-0,04	<b>0,22</b>	<b>-0,36</b>	-0,18	-0,16
	$p$	0,97	0,80	0,80	0,80	0,21	0,04	0,31	0,35
<b>Quem é mais provável de tentar melhorar o relacionamento com o parceiro quando há dificuldades</b>									
Mães	$r_s$	0,07	0,15	0,15	0,15	< 0,01	-0,06	<b>-0,21</b>	0,12

**Tabela 5.** *Correlações entre Envolvimento na Gestão da Relação Coparental e Coparentalidade, por Gênero*

	<i>p</i>	0,53	0,21	0,21	0,21	0,98	0,62	0,07	0,30
Pais	<i>r<sub>s</sub></i>	<b>-0,24</b>	<b>-0,25</b>	<b>-0,25</b>	<b>-0,25</b>	-0,08	<b>0,23</b>	<b>0,23</b>	<b>0,44</b>
	<i>p</i>	0,16	0,15	0,15	0,15	0,66	0,19	0,19	< 0,01
<b>Dedicação</b>									
Mães	<i>r<sub>s</sub></i>	<b>0,24</b>	0,09	0,09	0,09	0,12	<b>-0,26</b>	-0,07	0,09
	<i>p</i>	0,04	0,45	0,45	0,45	0,31	0,02	0,56	0,43
Pais	<i>r<sub>s</sub></i>	0,19	0,10	0,10	0,10	-0,15	0,02	<b>-0,25</b>	0,16
	<i>p</i>	0,27	-0,57	-0,57	-0,57	0,38	0,90	0,16	0,37

Na Tabela 5 são apresentados os valores de correlações entre os escores nos itens de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental e nas subescalas dos instrumentos de Coparentalidade, também com base no coeficiente de correlação de Spearman (*r<sub>s</sub>*). Nesse

caso, tanto para as mães quanto para os pais, não houve correlações fortes entre as dimensões dos instrumentos. Contudo, mesmo com efeito muito fraco ou fraco, 22 das 32 possíveis correlações apresentaram natureza negativa para os homens, e somente 8 negativas para as mulheres. Relações negativas indicam que, quanto mais o respondente indica que é o parceiro que cuida do relacionamento coparental, quanto mais negativo sua percepção desse relacionamento. Na Tabela 6, também com base no coeficiente de correlação de Spearman ( $r_s$ ) são apresentados os valores de correlações entre os escores nas subescalas do instrumento de Coping Diádico e os itens de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental. Nesse caso também não houve correlações fortemente significativas entre os fatores dos instrumentos, apesar de 19 das 24 possíveis correlações terem sido um pouco mais fortes para as mulheres do que para os homens.

**Tabela 6.** Correlações entre Coping Diádico e Envolvimento na Gestão da Relação Coparental, por Gênero

		Envolvimento na Gestão da Relação Coparental			
		Quem é mais provável de iniciar uma conversa	Quem é mais provável de reagir negativamente em uma conversa	Quem é mais provável de tentar melhorar o relacionamento com o parceiro quando há dificuldades	Dedicação
<b>Coping Diádico</b>					
<b>Próprio - Comunica o estresse</b>					
Mães	$r_s$	0,09	0,13	<b>0,28</b>	<b>0,32</b>
	$p$	0,47	0,29	0,02	< 0,01
Pais	$r_s$	<b>0,25</b>	0,03	-0,10	0,01
	$p$	0,15	0,89	0,58	0,95
<b>Parceiro - responde ao estresse</b>					
Mães	$r_s$	<b>0,23</b>	0,17	0,15	<b>0,24</b>
	$p$	0,06	0,15	0,21	0,04
Pais	$r_s$	0,05	<b>0,23</b>	< 0,01	0,03
	$p$	0,79	0,19	0,00	0,85
<b>Parceiro - comunica o estresse</b>					
Mães	$r_s$	<b>0,28</b>	0,09	0,17	<b>0,25</b>
	$p$	0,52	0,43	0,15	0,03
Pais	$r_s$	0,19	0,01	-0,11	0,04

**Tabela 6.** *Correlações entre Coping Diádico e Envolvimento na Gestão da Relação Coparental, por Gênero*

	<i>p</i>	0,29	0,94	0,53	0,83
<b>Próprio - Responde ao estresse</b>					
Mães	<i>r<sub>s</sub></i>	0,08	-0,04	0,05	0,07
	<i>p</i>	0,52	0,77	0,67	0,58
Pais	<i>r<sub>s</sub></i>	0,02	0,16	-0,03	0,17
	<i>p</i>	0,91	0,37	0,85	0,33
<b>Coping diádico conjunto</b>					
Mães	<i>r<sub>s</sub></i>	<b>0,22</b>	0,14	0,13	0,11
	<i>p</i>	0,06	0,25	0,26	0,35
Pais	<i>r<sub>s</sub></i>	0,12	0,03	< 0,01	<b>0,12</b>
	<i>p</i>	0,51	0,88	0,99	0,49
<b>Avaliação da capacidade do casal de lidar com o estresse</b>					
Mães	<i>r<sub>s</sub></i>	<b>0,35</b>	<b>0,25</b>	<b>0,26</b>	0,10
	<i>p</i>	< 0,01	0,03	0,03	0,41
Pais	<i>r<sub>s</sub></i>	0,11	<b>0,20</b>	0,09	< 0,01
	<i>p</i>	0,53	0,26	0,59	0,98

## DISCUSSÃO

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de produzir informações e evidências baseadas em métodos científicos, especialmente no cenário brasileiro, sobre repertórios dos pais que podem afetar a qualidade e eficácia da relação coparental durante o período de adolescência dos filhos. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi estudar as dificuldades de desalinhamento entre parceiros tentando ser bons pais, e o funcionamento da relação coparental entre pais e mães com filhos adolescentes, no Brasil, avaliando suas percepções sobre habilidades de *coping* diádico, envolvimento de cada parceiro na manutenção da relação coparental e a qualidade dessa relação, e como esses construtos podem estar relacionados entre si.

A partir dos resultados encontrados, podemos começar a dimensionar o quanto a percepção dos pais e mães acerca dos repertórios utilizados para lidar com o estresse em relação a criação de filhos adolescentes e esforços para manter o engajamento positivo na relação coparental estão relacionados com uma relação coparental de maior qualidade, envolvendo trocas de apoio entre os parceiros, vínculo afetivo, lidar com diferenças de opinião, negociação da divisão de tarefas e controle de comportamentos negativos como sabotagem e conflitos hostis.

Essa análise é importante para guiar a prática profissional de psicólogos trabalhando com famílias que incluem filhos adolescentes, sendo essencial incluir na prática clínica discussões sobre como os papéis de gênero influenciam a percepção do envolvimento coparental, a divisão de tarefas e a comunicação. Isso pode ajudar casais a identificarem e negociarem expectativas desencontradas.

Primeiro, ao analisar diferentes dimensões de Coping Diádico, somente as subescalas “*Abertura do parceiro para ouvir expressões de estresse próprio*” e “*Abertura própria à comunicação do estresse pelo parceiro*” apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre as percepções de mães e pais, sendo que ambos demonstraram perceber que o homem é mais aberto para ouvir sobre o estresse da mulher do que o contrário. Esse fator possivelmente pode ser explicado caso as mulheres considerem que possuem maior discernimento do que o parceiro sobre o que deve ser levado como grave ou não, além de que há a possibilidade dos homens utilizarem mais humor para guiar suas discussões, o que imprime caráter de menor seriedade quando iniciam conversas.

Além disso, em relação aos itens do Questionário de Envolvimento na Gestão da Relação Coparental, encontramos que as mulheres relatam iniciar conversas sobre seus filhos adolescentes com maior frequência do que seus parceiros, mas os homens relatam que

iniciam conversas com a mesma frequência que suas parceiras. Como mencionado por Fosco et al. (2024), no período da adolescência, as conversas entre os pais e as decisões tomadas sobre o que fazem para ajudar o filho são fundamentais para identificar os fatores envolvidos nas dificuldades dos filhos, na capacidade de ajudar o filho a desenvolver ou fortalecer repertórios para lidar com esses fatores e na regulação do estresse e das tensões de todos os membros da família. Indo nessa direção e em consonância com os resultados encontrados, podemos hipotetizar que as situações estressantes levam mulheres a iniciar mais conversas com seus parceiros, no intuito de identificar esses fatores de dificuldades e a partir daí tomar iniciativas sobre a situação.

Levando em consideração as diferenças culturais e estruturais de gênero, pesquisadores que estudam a criação dos filhos têm apontado que, em geral, as mães possuem um papel maior do que os pais na educação psicossocial, carinho e afeto, enquanto os pais exercem mais do que as mulheres interações envolvendo o ensino e a disciplina (Lins et al., 2015). Assim, no que diz respeito a dificuldades em relação aos filhos adolescentes, tanto homens quanto mulheres consideram que os homens se comunicam mais a respeito dessas questões e isso pode estar relacionado com a intenção dos pais de que, após a conversa sobre os filhos, as mães tomem as rédeas da situação e resolvam a questão, já que, como Lins et al. indicam, seu papel está historicamente relacionado à responsabilidade para lidar com necessidades emocionais dos filhos.

No que se refere à Escala da Relação Coparental, as semelhanças entre os pais e as mães em dimensões como *Concordância*, *Proximidade* e *Suporte* sugerem que ambos os parceiros percebem uma boa qualidade na coparentalidade. Esse resultado é diferente dos resultados encontrados por Almeida, R. F. S. (2024), que avaliou pais e mães de crianças com até 6 anos de idade. Almeida observou que a divisão do trabalho para criar os filhos apareceu de forma equilibrada, mas no presente estudo, foi observada uma diferença na dimensão *Divisão do Trabalho* ( $p = 0,05$ ). Esta diferença pode refletir a persistência de desigualdades na distribuição das tarefas parentais, frequentemente observada em contextos culturais nos quais o cuidado com os filhos ainda recai predominantemente sobre as mães (Carvalho et al., 2018; Lamela et al., 2016), incluindo o período da adolescência. Além disso, observa-se um padrão de efeitos de gênero em estudos sobre trabalho doméstico e cuidado: as mulheres avaliam que a divisão das tarefas é apenas moderada, enquanto os homens tendem a perceber que dividem mais igualmente. Essa divergência reflete, possivelmente, que as mulheres apresentam avaliações mais detalhadas sobre o trabalho socioemocional — tarefas de organização, planejamento e gestão familiar — que muitas vezes não são percebidas pelos

homens. Já estes podem ter uma visão mais restrita do que constitui “trabalho familiar”, valorizando tarefas práticas, como levar e buscar os filhos, pagar despesas para os filhos, ajudá-los com os estudos ou ajudá-los a encontrar oportunidades de trabalho. Esses resultados reforçam que a percepção sobre justiça e equilíbrio na divisão do trabalho doméstico ainda é influenciada por papéis de gênero tradicionais, mesmo em contextos onde a coparentalidade é avaliada como positiva.

Em relação às correlações encontradas no estudo, foi observada uma influência muito maior para as mulheres do que para os homens – com um número muito maior de correlações moderadas a fortes para as mulheres – em relação ao manejo de situações estressantes envolvendo o filho adolescente sobre a qualidade da relação coparental..

As correlações mais fracas revelam um aspecto importante: não é simplesmente a iniciativa em iniciar conversas, nem o investimento individual, que se relacionam com a percepção de qualidade da coparentalidade. O que parece ser realmente relevante é a troca, o ato de expor pensamentos e sentimentos e, sobretudo, o sentimento de ser ouvido. Em outras palavras, a percepção de envolvimento e conexão parental depende menos da ação unilateral e mais da reciprocidade comunicativa. Isso indica que a coparentalidade positiva não reside apenas no ato de falar, mas na presença de um interlocutor que acolhe, responde e participa ativamente da conversa.

Além disso, embora se observe uma tendência na literatura de que mães aparecem como mais envolvidas ou mais atentas aos aspectos emocionais relacionados aos filhos, os resultados não mostram diferenças estatisticamente significativas nesse sentido. Isso sugere que, apesar de algumas diferenças na comunicação sobre os filhos adolescentes, ambos os genitores demonstram participação significativa e positiva na relação coparental, reforçando a ideia de que o envolvimento parental é multifacetado e não pode ser reduzido apenas às diferenças de gênero.

### **Limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras**

Considerando a metodologia adotada neste estudo, destaca-se que o recrutamento dos participantes foi favorecido pela utilização de convites divulgados em redes sociais e pela aplicação de questionários em formato online. Essa estratégia mostrou-se eficiente e adequada aos objetivos da pesquisa, uma vez que permitiu alcançar rapidamente um número satisfatório de respondentes. Contudo, tal procedimento também gerou limitações

importantes. A amostra resultante foi composta majoritariamente por indivíduos com fácil acesso à internet, concentrados sobretudo no estado de São Paulo e de etnicidade branca. Esses fatores restringiram a diversidade geográfica e socioeconômica dos participantes, reduzindo a possibilidade de identificar variações regionais ou diferenças relacionadas ao nível socioeconômico.

Embora o tamanho amostral tenha sido suficiente para a realização das análises estatísticas propostas, é recomendável que em estudos futuros sejam contempladas amostras mais representativas da população alvo, incluindo mais participantes do gênero masculino e mais heterogêneas em termos de nível socioeconômico e etnia. Além disso, sugere-se a inclusão de perguntas sobre um conjunto mais amplo de variáveis sociodemográficas, de modo a possibilitar uma compreensão mais abrangente e contextualizada das dinâmicas familiares e dos construtos analisados.

Em pesquisas futuras, considerando que as pessoas tendem a ter dificuldades para perceber efeitos negativos de seu comportamento sobre outras pessoas (Rhee et al., 2015), sugere-se que também sejam incluídos instrumentos que avaliem não somente a autopercepção dos participantes, mas também procedimentos de observação da relação coparental, que contribuam para o entendimento mais completo e global das dinâmicas familiares.

### **Considerações Finais**

De modo geral, os resultados indicam que, apesar das diferenças nas percepções sobre divisão do trabalho e iniciativas de comunicação, há um consenso positivo entre homens e mulheres sobre a coparentalidade. A comunicação recíproca, a escuta ativa e a cooperação emergem como elementos centrais para a vivência de uma coparentalidade saudável, demonstrando que o envolvimento de ambos os genitores — e não apenas de um deles — é essencial para a construção de um ambiente familiar equilibrado.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, R. F. S. (2024). Relationships among emotional regulation, dyadic coping and the quality of the coparenting relationship. (Honors thesis). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 57 pp.
- Bertho, M. A., (2020). *A influência das relações de gênero na divisão de tarefas familiares e na violência entre parceiros íntimos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Bodenmann, G., Falconier, M., & Randall, A (2017). Systemic-Transactional Model of Dyadic Coping. In Falconier, M. K., Randall, A. K. & Bodenmann, G. (eds). *Couples Coping with Stress: A cross-cultural perspective*. (pp. 5-22). New York: Routledge
- Calderan, T., & Dill, M., (2011). A importância do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos e a responsabilidade civil por abandono. (n.d.). *Ibdfam.org.br*.  
<https://ibdfam.org.br/artigos/703/A+import%C3%A2ncia+do+papel+dos+pais+no+desenvolvimento+dos+filhos+e+a+responsabilidade+civil+por+abandono%3E.%20Acesso%20em%20%2028.Nov.2020>
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, T. R. (2020). *Coparentalidade: Evidências Teoricamente Fundamentadas para Validar a Escala da Relação Coparental* (Versão Brasileira). Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. [Coparentalidade: evidências teoricamente fundamentadas para validar a escala da relação coparental](#)

[\(versão brasileira\)](#)

- Coelho, A. O. (2024). *Mulheres Gestoras e Mães Sozinhas: Desafios e Estratégias na Conciliação Entre Carreira e Maternidade*. (n.d.). Retrieved July 22, 2024, from [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7759/1/DM\\_Andr%C3%A9ia%20de%20Oliveira%20Coelho.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7759/1/DM_Andr%C3%A9ia%20de%20Oliveira%20Coelho.pdf)
- Dancey, C.P., & Reidy, J. (2018). *Estatística sem Matemática*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Deneault, A. A., Feldman, J. S., Aytuglu, A., Bendel-Stenzel, L. C., Olofson, E. L., Donithen, R., ... Volling, B. L. (2025). Best Practices for Recruiting and Retaining Fathers in Parenting Research: Insights from Fathering Researchers. *Parenting*, 1–27. <https://doi.org/10.1080/15295192.2025.2509515>
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85- 132. [https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01)
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Hostetler, M. L., Roettger, M. E., Paul, I. M., & Ehrenthal, D. B. (2016). Couple-focused prevention at the transition to parenthood, a randomized trial: Effects on coparenting, parenting, family violence, and parent and child adjustment. *Prevention Science*, 17(6), 751-764. <https://doi.org/10.1007/s11121-016-0674-z>
- Flückiger, C., Del Re, A. C., Wampold, B. E., Symonds, D., & Horvath, A. O. (2012). How central is the alliance in psychotherapy? A multilevel longitudinal meta-analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 59(1), 10-17. <https://doi.org/10.1037/a0025749>
- Fosco, G. M., Van Ryzin, M. J., Feinberg, M. E., & Lee, H. (2024). Cascading effects of the family context in adolescence: Implications for young adult antisocial behavior and intergenerational transmission of risk. *Prevention Science* 14(5), <https://doi.org/10.1007/s11121-024-01727-1>.
- Freitas, P., Costa, R., Rodrigues, M., Ortiz, B., & Santos, J.C. (2020). Influência das relações familiares na saúde e no estado emocional dos adolescentes. *Revista Psicologia e Saúde*, 12(4), 95-109. <https://doi.org/10.20435/pssa.vi.1065>
- Frizzo, G., Kreutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. *Journal of Human Growth and Development*, 15(3), 84-93. Recuperado em 09 de julho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-1282200500030001\\_0&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1282200500030001_0&lng=pt&tlng=pt).

- Glaser, D. (2011). How to deal with emotional abuse and neglect - Further development of conceptual framework (FRAMEA). *Child Abuse and Neglect*, 35 (1), 866-875. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2011.08.002>
- Hasslocher, G., Londero-Santos, A., Natividade, J., & Ferés-Carneiro, T. (2022). Adaptação do Dyadic Coping Inventory para o contexto brasileiro: Resultados preliminares. Trabalho apresentado na 52ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Maceió, AL. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.29161.47204>
- Hernandez, J. A. E., Peçanha, R. F., Costa Soares, L. M., & Nascimento de Lima, I. da C. (2023). Validação de Construto da Versão Brasileira da Dyadic Adjustment Scale. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 39. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39510.en>
- Levin, J., & Fox, J. A. (2004). *Estatística para ciências humanas* (9ª edição, traduzido para Português). Pearson. ISBN 8581430031
- Lins, Z., Salomão, N., Lins, S., Féres-Carneiro, T., & Eberhardt, A.C. (2015). O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 43-59. Recuperado em 09 de julho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-2970201500010000\\_5&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201500010000_5&lng=pt&tlng=pt).
- Matias, M., Aguiar, J., Cesar, F., Braz, A. C., Barham, E. J., Leme, V. B. R., Elias, L., Gaspar, M. F., Mikolajczak, M., Roskam, I., Fontaine, A.M.G. (2020). The Brazilian-Portuguese version of the Parental Burnout Assessment: Transcultural adaptation and initial validity evidence. *New Directions for Child and Adolescent Development*. <https://doi.org/10.1002/cad.20374>
- Mikolajczak, M., Brianda, M. E., Avalosse, H., & Roskam, I. (2018). Consequences of parental burnout: a preliminary investigation of escape and suicidal ideations, sleep disorders, addictions, marital conflicts, child abuse and neglect. *Child Abuse and Neglect*, 80, 134–145. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.03.025>
- Mosmann, C. P., Costa, C. B. da, Einsfeld, P., Silva, A. G. M. da, & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 487–498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C., da Costa, C. B., da Silva, A. G. M., & Luz, S. K.. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Trends in Psychology*, 26(1), 429–442.

- <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Adolescentes em conflito com a lei: Percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200006>
- Paula, A. J. de, Condeles, P. C., Moreno, A. L., Ferreira, M. B. G., Fonseca, L. M. M., & Ruiz, M. T. (2022). Parental burnout: a scoping review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(suppl 3). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0203>
- Prati, L., & Koller, S.H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118. Recuperado em 09 de julho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Rhee, K. E., Dickstein, S., Jelalian, E., Boutelle, K., Seifer, R., & Wing, R. (2015). Development of the General Parenting Observational Scale to assess parenting during family meals. *The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 12, 49. <https://doi.org/10.1186/s12966-015-0207-3>
- Rosimere, S. (2015). Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes. *IGT Na Rede*, 12(22), 53–66. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-2526201500010004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-2526201500010004)
- Santana, V. S., & Gondim, S. M. G. (2016). Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, 21(1). <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160007>
- Santis, L. & Porto Noronha, A. P. (2024). Evaluating Brazilian Parenting: Evidence of Validity and Invariance for Fathers and Mothers. *Ciencias Psicológicas*, 18(2), e3756. <https://doi.org/10.22235/cp.v18i2.3756>
- Sardinha, A., Falcone, E. M. de O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395–402. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722009000300013>